
MÉMOIRES D'UN MÉDECIN:
A REVOLUÇÃO FRANCESA PELA PENA DE ALEXANDRE DUMAS
Mémoires d'un médecin:
The French Revolution through the pen of Alexandre Dumas

Maria Gabriella Flores Severo Fonseca¹

RESUMO: Este artigo analisa a interpretação figurativa da Revolução Francesa em *Mémoires d'un médecin*, de Alexandre Dumas, destacando a influência de sociedades secretas e do misticismo. Dumas retrata Cagliostro como um “super-homem de massa”, um herói carismático que transita entre o esotérico e o político. A narrativa reflete as tensões revolucionárias e dialoga com a visão de Umberto Eco (1991) sobre o romance-folhetim. O estudo explora como Dumas reinterpreta eventos históricos, combinando aventura, conspiração e temas místicos.

PALAVRAS-CHAVE: Romance-folhetim; 1789; *Memórias de um médico*; ficção oitocentista francesa; narrativas históricas.

ABSTRACT: This article examines the figurative representation of the French Revolution in *Mémoires d'un médecin* by Alexandre Dumas, with a focus on the influence of secret societies and mysticism. Dumas depicts Cagliostro as a “mass superman”, a charismatic figure who operates at the intersection of the esoteric and the political. The narrative embodies the revolutionary tensions of its time and engages with Umberto Eco's (1991) conceptualization of the serial novel. The study investigates how Dumas reconfigures historical events through a synthesis of adventure, conspiracy, and mystical motifs.

KEYWORDS: Serial novel; 1789; *Mémoires d'un médecin*; nineteenth-century French fiction; historical narratives.

INTRODUÇÃO

O romance-folhetim do século XIX desempenhou um papel crucial na consolidação da literatura popular e na democratização do acesso à leitura. Seu impacto transcendeu as páginas dos jornais, moldando não apenas o gosto do público, mas também influenciando a forma e o conteúdo da produção literária da época.

A recepção crítica desse gênero, marcada por tensões entre alta e

¹ Doutora em Literatura pela Universidade de Brasília e pesquisadora visitante na Universidade do Estado do Amazonas.

baixa cultura, revelou debates fundamentais sobre a função da literatura e seu público-alvo. Se, por um lado, o folhetim foi alvo de críticas que o acusavam de superficialidade e sensacionalismo, por outro, sua popularidade e alcance evidenciaram uma nova dinâmica entre leitores e escritores, consolidando-o como um fenômeno literário e social.

Dessa forma, o estudo do romance-folhetim não apenas resgata um capítulo essencial da história literária, mas também permite compreender melhor as transformações culturais que moldaram a modernidade. Seu legado pode ser observado ainda hoje, na literatura seriada, nas novelas e até nas narrativas audiovisuais, demonstrando a perenidade desse modelo narrativo e sua capacidade de adaptação ao longo do tempo.

O impacto do romance-folhetim no século XIX reflete não apenas uma mudança na forma de consumir literatura, mas também uma transformação no papel do escritor na sociedade. A profissionalização da escrita, o diálogo entre literatura e jornalismo e o engajamento político de autores como Eugène Sue, Victor Hugo e Alexandre Dumas demonstram a importância desse formato na construção de um novo cenário cultural.

Embora tenha sido alvo de críticas elitistas, o romance-folhetim provou ser uma ferramenta poderosa de entretenimento e reflexão social. Dessa maneira, compreender a trajetória do folhetim permite não apenas resgatar sua relevância histórica, mas também reconhecer sua influência em diversas manifestações culturais contemporâneas. Seu impacto continua vivo, atravessando séculos e reafirmando seu valor para a tradição literária.

Autores como Alexandre Dumas não apenas revolucionaram a literatura popular, mas também influenciaram gerações futuras, estabelecendo um modelo narrativo que permanece influente nos dias de hoje. Dumas autor desenvolveu suas narrativas a partir de extensas pesquisas em arquivos, memórias e compêndios históricos, com o intuito de transformar temas históricos em ficção. Após os acontecimentos das barricadas de julho de 1830, nos quais houve a insurreição do povo de Paris e das sociedades secretas republicanas contra Carlos X, o autor voltou sua atenção para a Revolução Francesa. Esse período tornou-se central em sua produção literária, permitindo uma reconstrução ficcional dos eventos que levaram à transformação política da França (FONSECA, 2022).

Nesse contexto, o ciclo romanesco *Mémoires d'un médecin* (1846-1855) de Alexandre Dumas se destaca como uma obra fundamental para a compreensão da interseção entre história e ficção. Por meio dessa série, Dumas revisita a Revolução Francesa sob uma perspectiva romântica e ficcionalizada, entrelaçando figuras históricas e eventos marcantes para construir uma narrativa envolvente, tendo empreendido, segundo o próprio autor, “a singular tarefa de repassar, folha a folha, cada página da monarquia” (DUMAS, 1957b, p. 5).

O personagem Cagliostro, em especial, assume um papel de destaque ao longo da trama, sendo representada como uma figura enigmática, ora vista como charlatão, ora como visionário. Sua presença na narrativa permite a Dumas explorar temas como esoterismo, política e destino, reforçando o caráter híbrido do romance-folhetim e sua capacidade de transcender limites entre realidade e imaginação.

A Revolução Francesa (1789-1799) é comumente associada aos ideais iluministas de liberdade, igualdade e fraternidade. No entanto, diversas narrativas alternativas sugerem a influência de sociedades secretas e grupos esotéricos na condução dos eventos revolucionários. Alexandre Dumas, um dos mais profícios escritores de romances-folhetins do século XIX, explora essa perspectiva em *Mémoires d'un médecin*, reimaginando os bastidores da Revolução sob um viés místico e conspiratório.

O projeto literário de Dumas consistia em narrar a Revolução Francesa desde seus primeiros sinais até sua consolidação. Para além do relato histórico, o autor buscou oferecer uma interpretação própria do período, baseando-se em teorias conspiratórias como as apresentadas em *Mémoires du jacobinisme* (1798), de Barruel, e no *Compêndio* (1790), de Giovani Barbieri. Porém, em vez de atribuir a liderança do processo revolucionário a Juan Weishaupt e aos illuminati, Dumas direcionou sua atenção a Cagliostro, um místico italiano envolvido no escândalo do colar da rainha, escolhendo-o como figura central de um complô político-revolucionário em sua trama (FONSECA; BARBOSA, 2021).

A figura de Cagliostro possuía ampla notoriedade na cultura francesa desde o século XVIII, aparecendo em diversas obras, como *La Fiole de Cagliostro* (1834-1835), de Roger de Beauvoir, e *La Comtesse de Rudolstadt* (1843), de George Sand. Diferentemente das representações que o caracterizavam como um charlatão, Dumas reconstruiu o personagem como um líder revolucionário de personalidade ambígua, marcada por contradições e fascínio. Dessa forma, sua narrativa questionou discursos historiográficos tradicionais e ofereceu uma nova perspectiva sobre Cagliostro, atribuindo-lhe um papel de destaque na luta contra a opressão monárquica (FONSECA, 2022).

A partir dessa perspectiva, este artigo busca compreender como Dumas recorre à ficção histórica para construir uma versão alternativa da Revolução Francesa, incorporando elementos do esoterismo e das sociedades secretas. Nesse sentido, a trajetória literária de Dumas e sua associação com o romantismo evidenciam o impacto de sua obra tanto na literatura quanto na cultura popular. Como um dos principais expoentes do romance-folhetim, o autor criou narrativas e personagens que ultrapassaram os limites de suas histórias, tornando-se ícones reconhecidos em diversas mídias. Dessa forma, sua produção literária mantém relevância ao longo do tempo, estabelecendo

conexões entre história, ficção e mito.

O CICLO ROMÂNTICO *MÉMOIRES D 'UN MÉDECIN* E A REINTERPRETAÇÃO HISTÓRICA DE DUMAS

Dumas demonstrou grande interesse pela história, especialmente pela Revolução Francesa, e dedicou parte de sua obra a explorar esse período histórico. Além de retratar a Revolução em seus romances, o autor também se inspirou em obras de historiadores como Lamartine, em *Histoire des Girondins* (1847), Michelet, em *Histoire de la Révolution Française* (1847), e o memorialista Charles Nodier, autor de *Souvenirs de la Révolution et de l'Empire*. Influenciado por essas fontes, Dumas escreveu *Louis XVI et la Révolution* (1850), uma biografia do monarca, seguida de *Le drame de quatre-vingt treize* (TULARD, 2003).

Dumas iniciou a escrita de *Mémoires d'un médecin* com o objetivo de criar sua própria versão romântica da Revolução Francesa. Vale ressaltar que, naquela época, as fronteiras entre história e literatura eram bastante fluidas e frequentemente se cruzavam, como evidenciado pela leitura das obras históricas de Michelet, que se aproximavam da literatura, e pelos dramas e romances de Dumas, que retratavam eventos históricos (MENDES, 2007).

O ciclo romanesco *Mémoires d'un médecin* é composto por quatro partes: *Joseph Balsamo*, publicado em folhetim no jornal *La Presse* entre 31 de maio de 1846 e 22 de janeiro de 1848, e posteriormente em dezenove volumes entre 1846 e 1848, pelo editor Alexandre Cadot; *Le collier de la reine*, também publicado em folhetim no *La Presse*, com interrupções, entre 29 de dezembro de 1848 e 27 de janeiro de 1850, e em onze volumes de 1849 a 1850 pelo mesmo editor; *Ange Pitou*, publicado entre 17 de dezembro de 1850 e 26 de junho de 1851, e em oito volumes em 1851, por Cadot; e *La Comtesse de Charny*, publicada apenas pelo editor, em dezenove volumes, entre 1852 e 1853, e em 1855. Os três primeiros romances foram elaborados em colaboração com o historiador Auguste Maquet, enquanto o último foi escrito durante o exílio de Dumas em Bruxelas, sem a ajuda de Maquet. Segundo Santa (2003), a colaboração formal do historiador é clara, especialmente no resgate histórico, mas a construção dialógica das personagens é resultado da escrita única de Dumas.

De acordo com Santa (2003, p. 247, tradução nossa), no ciclo *Mémoires d'un médecin*, Dumas transforma a Revolução Francesa como a verdadeira protagonista da narrativa, transformando o romance em uma obra de caráter teatral, na qual as fronteiras entre os gêneros literários são tênues: “o demônio do teatro torna o romance fascinante. O demônio da história

torna-o interessante.”² Esse entrelaçamento entre história e drama pode ter sido um dos fatores que contribuiu para o grande sucesso da obra junto ao público.

Embora não haja um único protagonista no ciclo *Mémoires d'un médecin*, o personagem Gilberto pode ser considerada um dos pontos centrais da narrativa. Gilberto é retratado como uma espécie de alter ego de Alexandre Dumas ou uma figura que remete, de maneira mais ou menos fiel, a Jean-Jacques Rousseau. Essa leitura se justifica pelo fato de que, embora defenda princípios republicanos, Gilberto, ao longo da trama, passa a assumir uma postura de proteção aos monarcas. Além disso, ele se opõe à maneira como a Revolução se desenrola, condenando os massacres e acreditando que a troca de poder poderia ser realizada de forma pacífica, contrastando com as ideias radicais de Cagliostro. Dumas, em sua obra, elabora uma narrativa de conciliação na qual, embora manifeste simpatia por ideais republicanos, também se posiciona contra os excessos revolucionários. O autor evidencia que muitas decisões tomadas no período foram equivocadas, entre elas, a execução de Luís XVI na guilhotina, que, segundo o narrador dumasiano, seria uma tentativa de transformar o monarca em mártir histórico.

Além de Gilberto, a figura de Cagliostro também desempenha um papel central e ambíguo na obra. Cagliostro, que, na história, é comumente retratado como um charlatão, enganador da nobreza, é reconfigurado por Dumas como um herói, o que gera uma nova representação positiva dessa figura. A visão dumasiana sobre Cagliostro questiona a percepção tradicional sobre ele, especialmente seu charlatanismo, ao apresentar suas profecias como verdadeiras e seus poderes como reais, desafiando a visão histórica amplamente aceita. Dumas, ao lançar essa dúvida, propõe um diálogo com a narrativa histórica, sugerindo que a visão negativa sobre Cagliostro foi influenciada por interesses políticos e ideológicos da época, e que, pelo menos, deveria ter a chance de ser reavaliado. Dessa forma, o autor não apenas apresenta uma nova perspectiva sobre a figura histórica, mas também coloca o leitor diante da decisão sobre qual versão da história adotar. O discurso dumasiano sobre Cagliostro, portanto, continua a gerar reflexão e ressonâncias.

Dumas vai além da simples representação de Cagliostro na história, apresentando uma abordagem que transcende os relatos tradicionais sobre o personagem. Se ele tivesse se apoiado unicamente nas narrativas de Goethe, Barruel, Barbieri, Carlyle, entre outros, a imagem de Cagliostro provavelmente teria sido a de um charlatão. Contudo, Dumas adota um procedimento distinto. Ele se encanta com as teorias conspiratórias de

² “Le démon du théâtre rend le roman passionnant. Le démon de l'histoire le rend intéressant” (SANTA, 2003 p. 247).

Barruel, que descrevem um grupo de iluminados como responsáveis pelo planejamento da Revolução Francesa, e com a ideia de Barbieri, que sugere que Cagliostro teria arquitetado a queda da monarquia. O autor retoma essas duas vertentes e recria esse cenário de forma ficcional. O prólogo de *Joseph Balsamo*, por exemplo, encena as teorias de Barbieri e Barruel de maneira romanesca. É possível, também, que Dumas estivesse sendo crítico em relação a essas visões, que, embora desconectadas da realidade, ainda ganhavam espaço em seu tempo. Ao inserir essas teorias no romance, Dumas pode estar tentando mostrar que, mais ficcionais do que o próprio enredo, eram as concepções disseminadas por Barbieri e Barruel, oferecendo uma reflexão sobre a forma como certas ideias históricas podem ser moldadas e distorcidas (FONSECA, 2022).

Segundo Santa (2003), o Cagliostro apresentado por Dumas mantém sua fidelidade a si mesmo, sendo sempre um viajante, em constante movimento, escapando de um mundo antigo em busca de um novo, sempre em busca de novas aventuras: “como um herói e como um filósofo ou mestre de pensamento.” (SANTA, 2003 p. 253, tradução nossa). Para a autora, Cagliostro se configura como o herói, especialmente na primeira parte da série *Joseph Balsamo*, na qual se destaca como uma figura triunfante. Dumas, ao longo de sua narrativa, amplia os pontos de vista não apenas sobre o personagem, mas também sobre a própria Revolução Francesa. No caso de Cagliostro, o escritor o retrata de forma física positiva, contrastando com as versões dos historiadores, que, frequentemente, eram muito menos favoráveis. Como uma figura heroica, Cagliostro carrega consigo todas as características essenciais para esse papel: coragem, carisma, habilidades místicas e uma missão que transcende o simples enredo de sua vida pessoal, envolvendo-se com questões maiores da história e da sociedade.

Há um mistério ao seu redor que envolve seu passado, que envolve seu nascimento; ele sabe tudo, parece vir das profundezas das eras e será eterno. Ele passou por vários testes de iniciação e deve cumprir uma missão quase impossível, uma missão de natureza social: é preciso terminar com essa monarquia corrupta que domina a Europa, com essa lama que suja tudo, e devemos começar com a França. Dumas, portanto, encarregou-o de uma importante missão política: preparar a Revolução Francesa, a verdadeira revolução, aquela que deveria limpar o velho mundo e trazer das cinzas um novo mundo, muito mais poderoso. (SANTA, 2003, p. 256-7, tradução nossa)³

³ “Il y a autour de lui un mystère qui entoure son passé, qui entoure sa naissance; il sait tout, il

O sucesso da história de Cagliostro levou Alexandre Dumas a criar uma peça homônima ao primeiro volume da série, embora o manuscrito nunca tenha sido publicado durante sua vida. Após a morte de Dumas em 1870, seu filho, Alexandre Dumas Filho, retocou o manuscrito e apresentou a peça em *Le Figaro*. Segundo Bassan (2003), a peça *Joseph Balsamo*, encenada no Odéon em 1878, não alcançou o mesmo sucesso que o romance, recebendo duras críticas, muitas delas de natureza política. Dumas Filho, que foi responsável por levar a obra de seu pai aos palcos, enfrentou uma cabala organizada contra ele. Como resultado, ele publicou apenas o prólogo da peça em 1878.

No romance e na peça, Dumas insere Joseph Balsamo no centro da trama e reelabora a história de seu personagem. O autor situa a presença de Balsamo na França em 1770, uma data que não coincide com os registros históricos, pois Cagliostro esteve no país apenas entre 1780 e 1786, passando por Estrasburgo e Paris. Dumas segue a linha das características contraditórias atribuídas a Cagliostro por escritores anteriores, como Friedrich Schiller em *O vidente fantasma* (1787), Goethe em *O grande cophta* (1791), e o historiador Thomas Carlyle em *Count Cagliostro: in two flights* (1833). No entanto, o escritor amplia o escopo da narrativa, propondo uma reflexão sobre a influência dos místicos na França do século XVIII. Segundo Bassan (2003), nunca a Franco-Maçonaria teve tanta relevância na política e nas letras quanto naquele período. Dumas explora essa questão ao longo de todo o ciclo romanesco *Mémoires d'un médecin*. Na narrativa, Cagliostro é apresentado como o grande-cophta da Franco-Maçonaria Joseph Balsamo, assumindo também outras identidades, como conde de Fênix e barão de Zanone.

É justamente toda a influência que Cagliostro exerceu na sociedade francesa no final do século XVIII que Dumas se propôs a resgatar. No entanto, o autor reinterpreta as convenções já estabelecidas sobre o personagem, tanto nos arquivos históricos quanto em outras obras literárias, dialogando com sua imagem de charlatão, com seu papel como líder de um complô político contra a monarquia francesa e, ainda, apresentando-o com um magnetismo irresistível, capaz de impactar profundamente aqueles ao seu redor. Para compreender com maior profundidade o tratamento dado por Dumas ao personagem Cagliostro, convém examinar, no ciclo romanesco

semble venir du fond des âges et sera éternel. Il a subi plusieurs épreuves initiatiques, et il doit accomplir une mission presque impossible, une mission à caractère social: il faut en terminer avec cette monarchie corrompue qui domine l'Europe, avec cette boue qui souille tout, et il faut commencer par la France. Dumas le charge donc d'une mission politique importante: préparer la Révolution française, la véritable révolution, celle qui doit nettoyer le vieux monde et faire naître de ses cendres un nouveau monde, beaucoup plus puissant" (SANTA, 2003 p. 256 e 257).

Mémoires d'un médecin, o modo como o autor elabora certas convenções que viriam a ser retomadas por diversas mídias.

CAGLIOSTRO, O SUPER-HERÓI DE MASSA: O PERSONAGEM DUMASIANO E A CRISE SOCIAL

No prólogo da obra *Joseph Balsamo*, que introduz a tetralogia *Mémoires d'un médecin*, se apresenta uma misteriosa reunião de figuras encapuzadas em um castelo na Alemanha, onde um viajante enigmático — posteriormente revelado como Cagliostro, “augusto receptáculo de todas as ciências humanas, instruído pelos sete espíritos superiores” (DUMAS, 1956, p. 19) — é submetido a um ritual iniciático. Essa reunião remete à fundação da Ordem dos Illuminati da Baviera (1776), frequentemente associada a teorias conspiratórias sobre a Revolução Francesa.

Dumas estrutura essa cena para sugerir que os rumos da Revolução foram arquitetados não apenas por pensadores iluministas como Rousseau e Voltaire, mas também por um círculo de místicos e conspiradores. A presença de personagens históricos como Swedenborg e Lavater reforça essa ideia, atribuindo à Revolução um caráter oculto e predeterminado. Sabe-se que o Romantismo, movimento literário do qual Dumas fez parte, afastou-se do racionalismo iluminista e buscou novas formas de interpretar a realidade, muitas vezes recorrendo ao misticismo e ao esoterismo. Segundo Rosenfeld e Guinsburg (1993), a corrente romântica assimilou elementos da Teosofia, do idealismo alemão e do pensamento esotérico de Swedenborg. Essa tendência se manifesta na valorização de figuras como o “gênio” inspirado por forças sobrenaturais, como destaca Beresniak (1987). Na literatura romântica, a verdade transcendia a razão cartesiana, permitindo a incorporação da crença no destino, na intuição e no poder de sociedades secretas, pois, segundo Bornheim (1993), a perspectiva de criação ou renovação das religiões é uma tônica no Romantismo, pois a incessante procura da unidade total só é plena a partir de uma reflexão religiosa.

Dumas se insere nesse contexto ao construir um enredo que mistura conspiração, profecia e magnetismo na explicação dos eventos revolucionários. Cagliostro, figura real do século XVIII, foi um alquimista, vidente e membro da Maçonaria Egípcia. Em *Joseph Balsamo*, ele assume um papel central como um manipulador dos eventos históricos, utilizando o mesmerismo e a profecia para influenciar figuras políticas. Dumas o retrata como um ser que transcende o tempo e o espaço, possuindo conhecimento secreto das forças que governam o destino humano: “o fundador de um império no Oriente, que reuniu os dois hemisférios numa comunidade de crenças e juntou as mãos fraternas do gênero humano.” (DUMAS, 1956, p.

17). Em seu discurso à sociedade secreta, Cagliostro prevê a queda da monarquia francesa e orienta seus seguidores sobre como acelerar esse processo. A profecia e o destino, temas recorrentes no Romantismo, são assim utilizados para reinterpretar os eventos da Revolução.

Uma das contribuições mais intrigantes de Dumas é a distinção entre o Iluminismo racional e os “Iluminados” esotéricos. Em francês, os termos *Lumières* (Iluminismo) e *Illuminisme* (Iluminados) possuem significados distintos: enquanto o primeiro remete ao pensamento racionalista do século XVIII, o segundo refere-se a uma corrente mística e secreta associada a sociedades ocultistas (FONSECA, 2022).

Beresniak (1987) aponta que essa oposição reflete um embate entre a razão e a fé, a ciência e o esoterismo. No romance de Dumas, esse confronto se materializa na própria interpretação da Revolução: em vez de um movimento fundamentado na razão e nos Direitos Humanos, a Revolução é representada como um plano arquitetado por forças ocultas, guiadas por um propósito transcendental.

A leitura da Revolução Francesa em *Joseph Balsamo* sugere uma narrativa alternativa aos relatos históricos tradicionais. Alexandre Dumas, assim como outros românticos como Gérard de Nerval, alinhado ao espírito de sua época, reinterpreta os eventos revolucionários sob uma ótica mística e conspiratória, deslocando o protagonismo dos filósofos iluministas para os iluminados esotéricos.

É preciso ler a *História do Jacobinismo* de Abbé Barruel, as *Provas da conspiração dos iluminados* de Robinson e também as observações de Mounir sobre essas duas obras, para se ter uma ideia do número de figuras famosas da época suspeitas de tendo feito parte das associações místicas cuja influência preparou a revolução. (NERVAL, 1852, p. 516, tradução nossa)⁴

Ao construir um enredo em que sociedades secretas e figuras místicas influenciam os rumos da história, Dumas não apenas explora a estética romântica, mas também questiona os fundamentos do discurso iluminista. Seu romance propõe, assim, uma reflexão sobre os bastidores ocultos da Revolução Francesa, sugerindo que os eventos históricos podem ter sido mais complexos e enigmáticos do que aparentam.

⁴ Em francês: “Il faut lire l'*Histoire du Jacobinisme* de l'abbé Barruel, les “*Preuves de la conspiration des illuminés*” de Robinson, et aussi les observations de Mounir sur ces deux ouvrages, pour se former une idée du nombre de personnages célèbres de cette époque qui furent soupçonnés d'avoir fait partie des associations mystiques dont l'influence prépara la révolution” (NERVAL, 1852, p. 516).

Além do aspecto esotérico, no contexto do romance *Joseph Balsamo*, Cagliostro emerge como uma figura central que transita entre o místico e o político, atuando como um super-herói de massa, um arquétipo que reflete as inquietações sociais e políticas do período pré-revolucionário. Alexandre Dumas, ao criar esse personagem, não apenas o insere no imaginário popular como um místico e manipulador, mas o configura como um herói capaz de intervir em uma sociedade em crise. Essa abordagem se alinha ao conceito de *romance-folhetim*, gênero literário em que o herói carismático assume o papel de salvador ou transformador, estabelecendo um equilíbrio perdido em uma sociedade em agitação.

A construção de Cagliostro como “super-homem” se baseia em sua habilidade de manipular mentes e influenciar eventos de grande envergadura, como as intrigas políticas e religiosas que antecederam a Revolução Francesa. Em sua jornada, ele interage com figuras históricas e filosóficas, como Rousseau e os Illuminati, refletindo a tensão entre as velhas estruturas de poder e as novas ideologias iluministas. A figura de Cagliostro, com seu conhecimento profundo e suas habilidades sobrenaturais, representa a promessa de uma revolução não apenas política, mas também espiritual e social (FONSECA, 2022).

Ao retratar Cagliostro como um personagem capaz de navegar entre mundos distintos, o esotérico e o político, Dumas insere-o em uma narrativa que se faz simultaneamente um espelho da sociedade francesa do século XVIII e uma antecipação das transformações que se desenrolariam com a Revolução Francesa. Segundo Eco (1987, p. 14), o auge do folhetim coincide com o período das revoluções burguesas em meados do século XIX. O autor destaca que essa simultaneidade não é meramente acidental, pois há uma relação direta entre a ascensão da imprensa, a expansão da democracia, a conscientização das classes populares e o surgimento do igualitarismo político e civil nesse contexto histórico.

Assim, o “super-homem de massa” de Dumas, portanto, não é apenas um indivíduo extraordinário, mas também um símbolo das forças ocultas que moldariam o futuro de uma nação à beira da mudança radical. Cagliostro, ao ser retratado no folhetim por Dumas, se transforma em um super-homem acessível à massa. Eco (1991) observa que o romance popular ou folhetim, no qual aparece o personagem Cagliostro, apresenta heróis carismáticos que atuam para resolver os problemas de uma sociedade em crise, restaurando seu equilíbrio. Esse tipo de herói é descrito como a criação do super-homem de massa, uma figura essencial para o funcionamento de um mecanismo consolador, que proporciona desfechos rápidos e inesperados para os dramas, oferecendo consolo de forma imediata e eficaz.

Diferente da figura do Super-homem proposta por Nietzsche, o super-homem de massa, conforme Eco (1991), é dotado de qualidades

extraordinárias, agindo como um justiceiro que busca resolver as problemáticas do mundo. Outros exemplos dessa figura podem ser encontrados no príncipe Rodolphe de Gerolstein, de *Les Mystères de Paris*, e em Edmond Dantès de *Le Comte de Monte-Cristo* e em Cagliostro de *Joseph Balsamo*.

O Super-homem do folhetim tem consciência de que o rico prevarica contra o pobre, e que o poder se fundamenta na fraude; mas não é um profeta da luta social, como Marx, e consequentemente não repara essas injustiças subvertendo a ordem da sociedade. Simplesmente sobrepõe sua justiça à comum, aniquila os maus, recompensa os bons, restabelece a harmonia perdida. Nesse sentido o romance popular democrático não é revolucionário, é caritativo, consola seus leitores com a imagem de uma justiça fabulística; mas apesar disso põe a nu problemas e, se não oferece soluções aceitáveis, delineia análises realistas. (ECO, 1991, p. 111)

Esse herói surge na primeira fase do romance-folhetim, que Eco (1991) descreve como “democrática-social”, nos romances de Sue e Dumas, com o objetivo de retratar a vida das classes mais baixas, destacando os conflitos e as contradições econômicas e sociais. Queffélec-Dumasy (2008) denomina essa fase como a Idade de Ouro do romance-folhetim, ou *Le roman-feuilleton sous la monarchie de Juillet*, que, segundo a autora, se estende até 1866.

Eco (1991, p. 24) adota o modelo aristotélico para definir o romance “popular”. Nesse contexto, o termo “popular” não se refere à facilidade de entendimento pelo público, mas à habilidade do escritor de construir a narrativa conforme as expectativas dos leitores. O autor trabalha com personagens previamente moldados, amplamente conhecidos e aceitos pelo público, sem se aprofundar no desenvolvimento psicológico das figuras. Ele utiliza soluções já estabelecidas, que permitem ao leitor reconhecer o familiar e, assim, experienciar o prazer de reencontrar o esperado. Esse processo, ao final, oferece grande satisfação, pois representa o enredo de forma pura, livre das tensões problemáticas.

O romance de folhetim substitui (e ao mesmo tempo favorece) o fantasiar do homem do povo, é um verdadeiro sonhar de olhos abertos... Nesse caso, podemos dizer que no povo o fantasiar é dependente do complexo de inferioridade (social) que determina prolongadas fantasias sobre a ideia de vingança, de punição dos culpados pelos males suportados etc.

(GRAMSCI, 1954, p.108 apud ECO, 1991, p. 63)

Para Eco (1991), o romance popular, como os produzidos por Alexandre Dumas, distingue-se do romance problemático, típico de autores como Balzac e Flaubert, conhecidos por seu realismo. No primeiro tipo, há uma luta clara entre o bem e o mal, sendo o bem frequentemente o vencedor, e essa vitória deve ser compreendida dentro dos parâmetros da moralidade, dos valores e da ideologia vigente. Já no romance problemático, surgem finais ambíguos, questionando as noções de “bem” e “mal”, como é o caso das personagens Rastignac e Emma Bovary. Em resumo, o romance popular tende a buscar a paz, enquanto o romance problemático coloca o leitor em conflito consigo mesmo (ECO, 1991, p. 24-25).

Além disso, Eco (1991) observa que o romance popular apresenta uma solução “social-democrático-paternalista”, sendo sempre consolador em tempos de crise. Geralmente, surgem heróis carismáticos que atuam para resolver os problemas da sociedade, restaurando seu equilíbrio. Dessa forma, esse tipo de romance é descrito como democrático, suscitando uma solução “política” simples para as contradições.

Embora esse modelo de romance proposto por Dumas tenha características consoladoras, não se pode ignorar que, ao reviver a figura de Cagliostro entre 1846 e 1855, o autor estava, também, revivendo a história de um revolucionário e republicano, defensor dos ideais de “liberdade, igualdade e fraternidade”. Esse gesto, sem dúvida, não era em vão, visto que a França vivia um período político conturbado naqueles anos em que o autor escrevia *Joseph Balsamo*, culminando em 1848 com a deposição do rei Luís Felipe e a criação da Segunda República, movimento apoiado por Dumas.

Cagliostro, uma figura já consolidada no imaginário francês, foi recriado por Dumas para reinterpretar o passado da Revolução Francesa. Ao mesmo tempo, o autor adiciona elementos ficcionais e maravilhosos à figura, interagindo com as convenções existentes sobre o personagem, presentes em arquivos e outros textos literários. O principal objetivo de Dumas, no entanto, é confrontar a história e observar os horizontes de expectativas para o presente ao revisitar o passado.

CAGLIOSTRO E A CONTRIBUIÇÃO PARA A QUEDA DA MONARQUIA FRANCESAS

A segunda parte da série *Mémoires d'un médecin* se intitula *Le Collier de la reine*, e se passa cerca de 14 anos após os eventos de *Joseph Balsamo*, período em que a monarquia já enfrentava uma crise. Antes do início da história do caso do colar da rainha, um escândalo que abalou a

monarquia francesa no final do século XVIII, em 1784, Cagliostro é encontrado em uma reunião na casa do Marechal de Richelieu, onde estão presentes outros personagens da primeira parte da série, como a condessa du Barry e o barão de Taverney. Durante a ceia, Cagliostro revela que sua aparência jovem se deve ao uso de um elixir da vida, oferecendo uma amostra do frasco a alguns presentes. O Marechal de Richelieu, ao beber o elixir, experimenta um rejuvenescimento temporário, recuperando a aparência e vitalidade da juventude por cerca de trinta minutos. Cagliostro explica que seu segredo para viver por milênios é o uso do elixir, além de sua habilidade de evitar desastres.

Pois bem, em lugar de seguir o exemplo de Optimus, adivinhei o remédio que mais tarde haviam de usar os monges de Heidelberg. Entretive o meu corpo vazando nele todos os anos novos princípios, encarregados de lhe regenerarem os velhos elementos. Todas as manhãs um átomo novo e fresco vem substituir no meu sangue, na minha carne, nos meus ossos uma molécula usada, inerte. Reanimei os detritos, pelos quais o homem vulgar deixa insensivelmente invadir todo o seu ser; obriguei todos esses soldados — que Deus deu à natureza humana para a defenderem contra a destruição, soldados que o geral das criaturas reforma ou deixa paralisar na ociosidade — a um trabalho porfiado, que facilitava, que ordenava mesmo a introdução de um estimulante sempre novo. (DUMAS, 1957a, p. 359)

Em seguida, Cagliostro demonstra seu poder de adivinhar os pensamentos dos outros presentes, antecipando as intenções de seus inimigos. Quando questionado sobre o futuro, revela as mortes de alguns dos nobres presentes, incluindo as do rei da França Luis XVI e de Madame du Barry, prevendo com precisão suas execuções durante o período do Terror revolucionário, por guilhotina.

No decorrer da trama, percebemos que Cagliostro desempenha um papel significativo nos bastidores do caso do colar da rainha que, envolvendo a rainha Maria Antonieta e o cardeal de Rohan, representava uma trama de falsificação e engano. Esse caso teve grandes repercussões políticas, contribuindo para a crescente insatisfação do povo francês com a monarquia. Por meio de sua relação com o cardeal de Rohan, Cagliostro se envolveu nas intrigas que culminaram no escândalo. Ao longo do processo, Cagliostro foi associado à figura de charlatão, uma posição explorada pela narrativa de Alexandre Dumas, que joga com a ambiguidade de seus poderes, entre o místico e o questionável.

O senhor de Crosne sabia a respeito de Cagliostro tudo o que um hábil Chefe de Polícia pode saber de um habitante da França, o que não é pouco. Conhecia-lhe todos os nomes passados, todos os segredos de alquimista, de magnetizador e de adivinho; conhecia as suas pretensões à ubiquidade, à regeneração perpétua: tinha-o na conta de um fidalgo charlatão. (DUMAS, 1957a, p. 637)

A condenação pública de Cagliostro, que foi expulso da França, não só reforçou sua imagem de personagem misterioso e perigoso, mas também colocou em evidência o enfraquecimento da monarquia. Além disso, a relação de Cagliostro com a sociedade secreta do Monte Trovão, e sua influência sobre personagens como Gilberto, indicam que, mesmo após ser banido, suas ideias e planos continuaram a moldar o rumo da Revolução Francesa. O conde, que acreditava que o escândalo do colar poderia acelerar a queda da monarquia, parece ter alcançado seu objetivo ao contribuir para a desmoralização de Maria Antonieta e do cardeal de Rohan, ambos símbolos do poder real.

A Sra. de La Motte enganara-se em todos os seus cálculos. Cagliostro não errou em nenhum. Assim que se viu na Bastilha, percebeu que lhe era fornecido finalmente o pretexto para trabalhar abertamente pela ruína daquela monarquia que, havia tantos anos, minava sorrateiramente com o iluminismo e os trabalhos ocultos. (DUMAS, 1957a, p. 652).

Cagliostro, com seus ensinamentos e influência sobre movimentos revolucionários, aparece como um elemento-chave na transição de um regime monárquico para um estado republicano, mesmo que sua presença no contexto histórico fosse mais indireta. Assim, a combinação de sua atuação nos bastidores e a exposição pública de seus supostos poderes contribuiu para fortalecer a oposição popular à monarquia, deixando um legado controverso que ecoaria nos eventos da Revolução Francesa.

A trama de *Le Collier de la Reine* se encerra com um diálogo significativo entre Robespierre e Marat, logo após a cena em que Jeanne de la Motte é marcada com ferro em brasa no peito. Esse desfecho sugere que as repercussões do episódio se estenderiam além do momento presente, atingindo, sobretudo, a reputação de Maria Antonieta.

— Então, quem foi a pessoa que marcaram ali em lugar da sra. de la Motte?

— Foi a rainha, respondeu o mancebo com voz aguda ao sinistro companheiro, e acentuou estas palavras com o seu sorriso indefinível.

O outro recuou soltando uma gargalhada, e aplaudiu o gracejo olhou em torno de si e disse:

— Adeus, Robespierre.

— Adeus, Marat, respondeu o outro.

E separaram-se. (DUMAS, 1957a, p. 690)

O narrador folhetinesco utiliza o suspense para prender a atenção do público, mantendo a estrutura característica do romance-folhetim, um gênero que, conforme Eco (1987, p. 195), opera como uma “cadeia de montagem destinada a produzir satisfações contínuas e renováveis.” Dessa maneira, a narrativa levanta questões instigantes: quais seriam os impactos do escândalo do colar na estabilidade da monarquia? Cagliostro, agora expulso da França, ainda teria meios para levar adiante seu plano de desmantelar o sistema monárquico? O leitor, então, precisaria aguardar a terceira parte do ciclo romanesco para encontrar essas respostas.

A terceira parte da série não demoraria a surgir, possivelmente porque o romance-folhetim *Le Collier de la reine* agradou bastante ao público. A trama do Colar, tendo sido concluída em 1850, foi seguida no final daquele mesmo ano por *Ange Pitou*. O enredo é ambientado no ano em que se dá início à Revolução Francesa, 1789. Embora Cagliostro não seja um personagem da obra, sua influência sobre os acontecimentos revolucionários continua evidente, pois são feitas referências constantes à influência das sociedades secretas nos rumos da revolução.

CAGLIOSTRO: A ENIGMÁTICA FIGURA QUE SEDUZIU A SOCIEDADE FRANCESA E CONCRETIZOU SEUS PLANOS

A repressão aos folhetins após a Revolução de 1848, incluindo a taxação imposta por Napoleão III, afetou a produção literária e interrompeu a publicação de *Ange Pitou*, isso ocorreu porque eram acusados de incitar adultérios e assassinatos. Dumas, contrariando os governantes da época que buscavam silenciar esses escritores ao impedir a circulação de seus romances, deu continuidade à série *Mémoires d'un médecin*, com a quarta parte intitulada *La Comtesse de Charny*.

Dumas no prefácio dessa obra reforça seu compromisso com a literatura e a política, ao afirmar que as taxações impostas aos romances-folhetins visavam desestimular o interesse do público por tais obras, possivelmente porque suas ideias políticas e sociais não eram bem-vistas por

determinados grupos em um período de intensas transformações revolucionárias.

La Comtesse de Charny é fortemente influenciada por *Histoire de la Révolution*, de Michelet. No entanto, como aponta Santa (2003), mais do que a reconstituição de cenas históricas, o que realmente se destaca é a habilidade de Dumas em transformar os acontecimentos em uma narrativa envolvente e vibrante, revelando seu talento literário. A obra abrange o período de 1789 a 1794, trazendo à tona a figura enigmática de Cagliostro, que, sob a identidade do barão de Zanone, utiliza sua influência e supostos poderes místicos para interferir nos rumos da Revolução Francesa.

Cagliostro reencontra Gilberto e revela como escapou da prisão, reafirmando sua crença na queda da monarquia e na inevitabilidade da revolução. Enquanto Gilberto busca proteger o rei, Cagliostro profetiza a radicalização do movimento revolucionário, a ascensão de Robespierre e a futura grandeza de Napoleão Bonaparte. A trama envolve sociedades secretas, como os Jacobinos e a Ordem Rosa-Cruz, sugerindo que a Revolução Francesa foi guiada por forças ocultas.

Cagliostro impede a fuga do rei Luís XVI, selando seu destino. Em 1793, o rei é guilhotinado, seguido pela rainha Maria Antonieta. Antecipando a autodestruição dos revolucionários, Cagliostro aconselha Gilberto e Billot a fugirem para a América. No epílogo, em 1794, a história encerra com o casamento de Ange Pitou e Catarina Billot, trazendo um desfecho inesperado à narrativa.

Ao concluir a tetralogia revolucionária *Mémoires d'un médecin*, o narrador não esclarece explicitamente a identidade do médico mencionado no título da série. Poderia ser Gilberto, que, como médico da corte, preocupa-se mais “pela saúde da monarquia mais do que pela de Luis XVI; o destino da coroa da França corporifica-se no corpo de soberano do qual é indissociável” (SAMINADAYAR-PERRIN, 2005, p. 146, tradução nossa)⁵. Ou talvez seja Cagliostro, mentor de Gilberto e figura central na condução dos eventos da Revolução Francesa?

Embora a trama não apresente um único protagonista, Cagliostro se destaca como peça-chave, estando diretamente ou nos bastidores dos principais acontecimentos. Em *Joseph Balsamo*, além de dar nome ao romance, ele surge no prólogo como o arquiteto da conspiração contra a monarquia. Em *Le Collier de la Reine*, envolve-se no infame escândalo do colar, saindo vitorioso e sendo exaltado pelo povo como “Divino Cagliostro”, enquanto Maria Antonieta vê sua reputação arruinada. Em *Ange Pitou*,

⁵ Em francês: “[...] sur la santé de la monarchie plus que sur celle de Louis XVI; le destin de la couronne de France s’incarne dans le corps du souverain dont il est indissociable” (SAMINADAYAR-PERRIN, 2005, p. 146).

mesmo sem aparecer diretamente, suas ações influenciam o levante popular que culmina na queda da Bastilha e no fortalecimento das sociedades secretas na França. Por fim, em *La Comtesse de Charny*, ele manipula os principais acontecimentos revolucionários e é apresentado como o grande-cophta das sociedades secretas, que incluíam figuras como Robespierre e Danton.

Além disso, ao analisarmos a origem do termo “médico”, derivado do latim *medicus*, percebemos que, em tempos antigos, o conceito estava associado a curandeiros, feiticeiros e indivíduos que lidavam com forças espirituais para tratar os enfermos. Como aponta Miranda-Sá Júnior (2013) em *Uma Introdução à Medicina* (vol. 1), os médicos primitivos eram vinculados à magia e à superstição, antes de se tornarem religiosos. Dessa perspectiva, o título da série pode estar ligado a Cagliostro, que, tanto na vida real quanto na narrativa de Dumas, é retratado como curandeiro e místico, encaixando-se nessa concepção primordial de médico.

O ciclo *Mémoires d'un médecin*, de Alexandre Dumas, deve ser analisado em sua totalidade para compreender a influência de Cagliostro na Revolução Francesa. A narrativa apresenta o personagem como um manipulador e místico, que, apesar de traços negativos, pode ser visto como um herói romântico defensor da liberdade, igualdade e fraternidade. Dumas, dessa forma, mescla história e elementos fantásticos, como mesmerismo e clarividência, conferindo autenticidade ao enredo e desafiando a noção de que romances-folhetins são simplistas ou inverossímeis. O autor constrói personagens ambíguos, sem idealizações, aproximando-os do público e conferindo modernidade à sua escrita. Além de entreter, o autor utilizava a história como ferramenta política, influenciado por Walter Scott, resgatando o passado para refletir sobre o presente. A figura de Cagliostro, na obra, transcende o misticismo e se alinha às sociedades secretas e conspirações revolucionárias, reforçando a relação entre esoterismo e política no século XIX.

CONCLUSÃO

O ciclo *Mémoires d'un médecin*, de Alexandre Dumas, oferece uma interpretação singular da Revolução Francesa, combinando elementos históricos, políticos e místicos. Ao longo da série, a figura de Cagliostro emerge não apenas como um personagem literário fascinante, mas também como um símbolo do poder das sociedades secretas e das forças ocultas na construção dos eventos revolucionários. Dumas se vale da ficção para reinterpretar o passado, articulando uma narrativa que questiona as versões historiográficas tradicionais e sugere que os bastidores da Revolução foram mais complexos do que se costuma acreditar. Por meio dessa recriação

literária, Dumas propõe um novo olhar sobre os eventos revolucionários, desafiando a dicotomia entre razão e irracionalidade que normalmente define a visão oficial da história.

Ao apresentar Cagliostro como um “super-homem de massa”, Dumas se alinha ao modelo de herói do romance-folhetim descrito por Eco (1991), um personagem que encarna o desejo popular por justiça e transformação sem necessariamente romper com a ordem social vigente. Essa construção não apenas reflete os anseios do público da época, mas também ressoa com a profunda instabilidade política e social do século XIX, especialmente no período turbulento que culminou na Revolução de 1848. Cagliostro, nesse sentido, é uma figura ambígua, cuja grandeza de visão é contrastada pela manipulação dos meios para alcançar seus fins, colocando em pauta a ética das transformações políticas e sociais.

Além disso, a obra de Dumas reflete a influência do romantismo e sua fascinação pelo misticismo, propondo uma visão da história permeada por forças invisíveis que agem nos bastidores dos grandes acontecimentos. A inserção de sociedades secretas e de personagens como Swedenborg e Lavater reforça a ideia de que a Revolução Francesa, em sua narrativa, não foi apenas um movimento guiado pela razão iluminista, mas também o resultado de tramas esotéricas e profecias ocultas. A presença desses elementos revela a inquietação do autor com os limites do conhecimento racional, sugerindo que os eventos históricos são governados por forças e influências que escapam ao entendimento convencional. Esse aspecto da obra dialoga com as correntes filosóficas e espirituais da época, como o esoterismo e o ocultismo, que ganhavam crescente popularidade no cenário europeu.

Por fim, *Mémoires d'un médecin* se insere dentro do legado do romance-folhetim como uma obra que, além de entreter, atua como um instrumento de reflexão política e histórica. A habilidade de Dumas em transformar eventos passados em narrativas envolventes demonstra o poder da ficção em ressignificar a história, tornando-a acessível e impactante para diferentes gerações de leitores. Sua escrita, ao se distanciar da mera repetição dos fatos, cria uma história alternativa que toca nas complexidades e ambiguidades dos processos históricos, lembrando-nos que a verdade histórica é muitas vezes multifacetada e sujeita a diferentes interpretações. Assim, sua obra permanece relevante não apenas como um documento literário do século XIX, mas também como uma janela para compreender as relações entre literatura, política e memória histórica.

Dessa forma, *Mémoires d'un médecin* não é apenas uma narrativa histórica ou uma obra de entretenimento, mas também uma análise profunda das tensões entre o visível e o invisível, o racional e o irracional, que definem não apenas a Revolução Francesa, mas também a própria construção da

história. Esse impacto se amplifica pelo fato de o romance ter sido originalmente publicado em formato de folhetim, uma estrutura que não apenas democratizava o acesso à literatura, alcançando um público mais amplo, mas também reforçava seu caráter político. Nesse contexto, a publicação seriada permitia que Dumas dialogasse com os anseios e inquietações do público contemporâneo, mantendo um ritmo de suspense e engajamento que espelhava a própria instabilidade da época retratada. Além disso, ao transitar entre o real e o ficcional com grande liberdade, Dumas utilizava o folhetim como um espaço de crítica social e política, subvertendo narrativas oficiais e evidenciando as forças ocultas que movem a história.

REFERÊNCIAS

- BASSAN, Fernande. Joseph Balsamo: une pièce phostume. In: ARROUS, Michel (dir.). *Alexandre Dumas, une lecture de l'histoire*. Clamecy: Éditions Maisonneuve et Larose, 2003. p. 265-82.
- BERESNIAK, Daniel. *Franc-maçonnerie et romantisme*. Paris: Éditions Chiron, 1987.
- BORNHEIM, Gerd. Filosofia do Romantismo. In: GUINSBURG, Jacó. *O Romantismo*. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- DUMAS, Alexandre. *Memórias de um médico*: A Condessa de Charny. Tradução: Augusto Sousa. São Paulo: Saraiva, 1957b. v. 1, p. 5-334. (Coleção Romances de Alexandre Dumas.)
- DUMAS, Alexandre. *Memórias de um médico*: José Bálsmo. Tradução: Octávio Mendes Cajado. Saraiva: São Paulo, 1956. v. 1, p. 5-303. (Coleção Romances de Alexandre Dumas.)
- DUMAS, Alexandre. *Memórias de um médico*: O colar da rainha. Tradução: Octávio Mendes Cajado. São Paulo: Saraiva, 1957a. v. 2, p. 351-695. (Coleção Romances de Alexandre Dumas.)
- ECO, Umberto. *Apocalípticos e integrados*. Tradução: Pérola de Carvalho. Perspectiva: São Paulo, 1987.
- ECO, Umberto. *O super-homem de massa*: retórica e ideologia no romance popular. Tradução: Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- FONSECA, Maria Gabriella Flores Severo; BARBOSA, Sidney. Cagliostro em *L'affaire du collier de la reine*: entre a história, a literatura e o cinema. *Palimpsesto*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 36, p. 172-90, maio-ag. 2021.
Disponível em: <http://dx.doi.org/10.12957/palimpsesto.2021.60010>. Acesso

em: 3 mar. 2025.

FONSECA, Maria Gabriella Flores Severo. *Palimpsestos de Cagliostro: tramas literárias e filmicas de uma personagem de Alexandre Dumas*. 2022. 182 f. Tese (Doutorado em Literatura) – Departamento de Teoria Literária e Literaturas, Universidade de Brasília, Brasília, 2022.

MENDES, Maria Lúcia Dias. *No limiar da História e da Memória: um estudo de Mes Mémoires*, de Alexandre Dumas. 2007. 320 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura Francesa, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007. Disponível em:
https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8146/tde-01112007143905/publico/TESE_MARIA_LUCIA_DIAS_MENDES.pdf. Acesso em: 3 mar. 2025.

MIRANDA-SÁ JÚNIOR, Luiz Salvador de. O médico, agente da medicina. In: *Uma introdução à medicina: o médico*. Brasília: CFM, 2013. v. 1, p. 247-304.

NERVAL, Gérard de. Cagliostro (XVIIIe siècle). In: *Les Illuminés: Récits et portraits*. Paris: Victor Lecou, Libraire-Éditeur, 1852. Disponível em:
<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k108403r/f304.item>. Acesso em: 4 abr. 2021.

ROSENFELD, Anatol; GUINSBURG, Jacó. Romantismo e Classicismo. In: GUINSBURG, Jacó. *O Romantismo*. São Paulo: Perspectiva, 1993.

SAMINADAYAR-PERRIN, Corinne. L'insaisissable corps du peuple dans le cycle révolutionnaire d'Alexandre Dumas. In: ROULIN, Jean-Marie. *Corps, littérature et société (1789-1900)*. Saint-Étienne, PUSe, 2005. p. 141-160. Disponível em: <https://publications.univ-st-etienne.fr>. Acesso em: 5 dez. 2020.

SANTA, Angels. Mémoires d'un médecin: De l'histoire à la fiction. In: ARROUS, Michel. *Alexandre Dumas, une lecture de l'histoire*. Clamecy: Éditions Maisonneuve et Larose, 2003. p. 245-264.

TULARD, Jean. Alexandre Dumas et la Révolution française. In: ARROUS, Michel. *Dumas, une lecture de l'histoire*. Maisonneuve e Larose: Paris, 2003. p. 231-241.

Recebido em 3 de março de 2025

Aprovado em 10 de outubro de 2025